

CONCEPÇÃO DE FORMAÇÃO DO MST: PREPARAÇÃO PEDAGÓGICA E METODOLÓGICA PARA A COLETIVIZAÇÃO DA LUTA¹

MST TRAINING CONCEPTION: PEDAGOGICAL AND METHODOLOGICAL PREPARATION FOR THE COLLECTIVIZATION OF THE STRUGGLE

CONCEPCIÓN DE LA FORMACIÓN DE MST: PREPARACIÓN PEDAGÓGICA Y METODOLÓGICA PARA LA COLECTIVIZACIÓN DE LA LUCHA

Antoniél A. Oliveira²

Maria de Fátima de A. Martins³

Resumo: O propósito deste artigo é apresentar alguns elementos que consubstanciam a base da concepção de formação do Movimento dos Trabalhadores Sem Terra - MST. Nessa concepção, busca-se capacitar as pessoas da base social do movimento, dando-lhes as condições de formação social e política para o enfrentamento diário da luta de classes. Para o desenvolvimento das reflexões, ancoramos nas análises no documento do próprio MST (2009), bem como em autores como: Iasi (1999), Santos (2007), Bogo (2011) e Marx (1975). A discussão apreende a formação da consciência como processo do MST, discutindo as táticas e metodologias utilizadas e apresentando os desafios permanentes para que essa formação aconteça. O que ficou evidenciado é que, para o desenvolvimento da concepção de formação desse movimento, tem como ponto de partida a realidade imediata de produção e reprodução da vida dos trabalhadores (um dos princípios do MST), constituindo-se como uma das bandeiras de mobilização permanente e fundamentais para intervenção na realidade e, com isso, modificá-la. Assim, compreende-se a educação como um processo constante de transformação da prática cotidiana, na construção de outro projeto de sociedade. Essa experiência desenvolvida pelo MST aponta caminhos da formação, associados à participação, no rumo da construção dessa nova sociedade.

176

Palavras-chave: Formação da Consciência. Organização. Educação. Lutas.

Abstract: The Brazilian Landless Workers Movement (MST) have its own conception of formation and training and the purpose of this article is to present and discuss the elementary basis of this processes. The MST Organization understand that everyone in the social basis of the movement must be trained to be able to face day-by-day class struggle. Our analysis is based on MST (2009) as well as

¹ O debate apresentado nesse texto faz parte da dissertação de Mestrado de Antoniel Assis de Oliveira, sob orientação de Dra. Maria de Fátima Almeida Martins. No desenvolvimento da mesma, foram utilizadas algumas metodologias para coleta e reflexão sobre os dados, dentre as quais a análise documental, retomada nesse texto.

² É graduado em Licenciatura em Educação do Campo e Mestre em Educação. É militante do Setor de Educação do MST/MG. Email: antonielassis@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9365-6644>

³ É professora Associada, do Departamento de Métodos e Técnicas de Ensino (DMTE) da Faculdade de Educação (FAE), da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Email: falmartins.ufmg@gmail.com. Orcid <https://orcid.org/0000-0001-9244-3404>.

on authors such as Iasi (1999), Santos (2007), Bogo (2011) and Marx (1975). Our discussion captures the conscience building as a constitutive process for MST, emphasizing the used tactics and methodologies. We also highlight the permanent challenges to maintain the process alive. It is clear that the movement training rely and is intrinsically attached to the current workers production and reproduction of life conditions. This constitutive principle of MST is a permanent mobilization flagship and a fundamental element to intervene in the reality and consequently transform it. Therefore, the movement understand education itself as a constant transforming process driven to the building of a new society project. The MST accumulated experience on social movement training point out new education possibilities, strongly attached to the social participation and oriented to a new society preparation.

Keywords: Formation of Consciousness. Organization. Education. Struggle.

Resumen: Este artículo busca presentar algunos elementos que sustentan la base del concepto de formación del Movimiento de Trabajadores Sin Tierra - MST. En esta concepción, busca empoderar a las personas de tu base social, dándoles las condiciones de formación social y política para el enfrentamiento diario de la lucha de clases. Para el desarrollo de las reflexiones, usamos en los análisis del propio documento del MST (2009), así como en autores como: Iasi (1999), Santos (2007), Bogo (2011) y Marx (1975). La discusión aprehende la formación de la conciencia como un proceso del MST, discutiendo las tácticas y metodologías utilizadas y presentando los desafíos permanentes para que esta formación suceda. Lo que se hizo evidente es que, para el desarrollo del concepto de formación de este movimiento, existe como punto de partida la realidad inmediata de producción y reproducción de la vida de los trabajadores (uno de los principios del MST). Este principio constituye una de las banderas de la movilización permanente y fundamental para intervenir en la realidad y, con ello, modificarla. Así, la educación se entiende como un proceso constante de transformación de la práctica diaria, en la construcción de otro proyecto de sociedad. La experiencia desarrollada por el MST apunta caminos de formación, asociados a la participación, hacia la construcción de esta nueva sociedad.

Palabras-clave: Formación de la conciencia. Organización. Educación. Luchas.

Introdução

O sentido deste artigo é apresentar alguns elementos da concepção de formação no/do Movimento dos Trabalhadores sem Terra – MST. Esta que tem, inicialmente, como premissa a formação humana e política vitais para o Movimento Sem Terra (MST). Ou seja, tem como objetivo capacitar às pessoas da sua base social para o enfrentamento diário da luta de classes. Utilizaremos os mesmos referenciais teóricos normalmente usados pelo MST, quais sejam, aqueles relacionados ao materialismo histórico e dialético, por considerar que sua atuação, a partir das análises desenvolvidas por Marx, se embasa: se voltando à história da humanidade, nas suas diversas formações sociais, perpassando-as, extraindo as lições que podem ser efetivamente utilizadas junto à sua base social.

Nossa contribuição vai ao encontro do que esta orientação, própria do MST, por considerar que é necessário disputar os conhecimentos que estão monopolizados e por entender que, sem estes conhecimentos, não se consegue transformar a realidade. Assim, algumas reflexões serão evidenciadas acerca da importância de se comprometer organicamente com a formação da consciência como pressuposto para a realização de mudanças estruturais na sociedade e, assim sendo, apostar que a esquerda brasileira possa olhar para experiências como essas, que ora são refletidas.

O que se quer destacar aqui é como os estudos sobre a realidade imediata, da produção e reprodução da vida dos trabalhadores (um dos princípios do MST), são importantes e tornam-se uma bandeira de mobilização permanente e se constitui como um dos pontos da concepção de formação. A compreensão é que o estudo e a apropriação dos conhecimentos e da exposição desses à prática cotidiana, tornam-se centrais à intervenção na realidade para modificá-la. A isto estamos chamando de formação da consciência, mediante a dinâmica que lhe é envolvida.

O modo, portanto, de como há a efetivação das práticas de formação, se faz a partir do acompanhamento da dinâmica de compartilhamento dos saberes dos sujeitos envolvidos nas ações do fazer nos espaços de vida como os acampamentos e assentamentos. Nesta prática, o que há é a troca entre os conhecimentos sistematizados e os saberes instituintes e, por isso, partes destas intervenções são técnicas, porém impregnadas de sentidos artísticos, políticos, culturais, humanistas, etc.

É necessário compreender que o processo do conhecimento, para o MST, deve estar articulado com os objetivos estratégicos da organização, ou seja, o conhecimento só serve e será incorporado à organização se ajudar a entender e transformar a realidade social. Para isso, é preciso identificar quais os fundamentos teóricos e metodológicos que sustentam a formação desse movimento (que orientam suas práticas formativas).

Ao longo do tempo, desde sua constituição enquanto Movimento⁴, a formação da consciência dos sujeitos do MST, como ação efetiva, foi a que deu base para sua criação e consolidação, como também, a sustentação de sua organização. Isto possibilitou que a

⁴ O MST, como movimento social organizado, surgiu, no final da década de 1970 e início da década de 1980, das lutas travadas a partir da expropriação e expulsão de trabalhadores e trabalhadoras rurais pelos proprietários de terra, com o objetivo de ceder espaço para o avanço do Capitalismo no campo. Se organizou em um momento que a luta pela terra no Brasil voltou em evidência, inclusive com a disputa de terra provocada pela investida na Revolução Verde (sementes híbridas, fertilizantes e agroquímicos), fazendo surgir várias ocupações de terras em diversos lugares do país.

militância dessa organização sobrevivesse aos ataques da classe dominante nos enfrentamentos midiáticos e/ou físicos. E ainda, propiciou o desenvolvimento de valores nesses militantes ao ponto de “se jogar de corpo e alma” nas atividades da organização, numa construção e consolidação coletiva do MST, em circunstâncias muito hostis, em todo o território nacional e expandindo para além das fronteiras brasileiras.

Não iremos nos ater à historicidade desse setor no MST, embora reconheçamos a importância dessas informações nessa discussão por se tratar de uma leitura política da conjuntura e uma adequação da formação ao período vivenciado. Da mesma forma, ressaltamos que, não nos deteremos em outros aspectos recorrentes na formação do MST separadamente, tais como: mística, noites culturais, festividades, marchas, ocupações, assembleias, etc. Por considerarmos que esses aspectos são partes constitutivas da formação do MST. Estamos cientes que essa discussão vincula uns aspectos aos outros e, portanto, estão entrelaçados.

Queremos enfatizar a importância da prática de formação no e como movimento, que envolve os sujeitos nos processos que lhes dizem respeito e não somente para justificar a participação popular esporadicamente. Importante ressaltar que o MST, desde o surgimento, não se descuidou dos processos de formação da sua base, pelo contrário, conseguiu estabelecer uma referência na área da formação, no campo da esquerda brasileira.⁵

A formação da consciência como processo para o MST

A formação da consciência das pessoas, para o MST, é inerente ao processo da vida cotidiana dessas pessoas. Esse entendimento surgiu como parte dos objetivos do MST, a partir da necessidade apresentada de avançar na formação dos seus sujeitos, para que os mesmos desenvolvessem a autonomia, seja do Movimento, seja também dos próprios sujeitos que realizam as ações do movimento nos diferentes Estados da federação.

Na perspectiva de buscar a unidade das ações práticas internas do Movimento, criou-se internamente um coletivo, chamado de setor de formação do MST, em 1988, como resultado da organização de atividades formativas e de cursos direcionados para a Coordenação Nacional e para a juventude militante, iniciadas em 1987 com a Turma de Monitores. Importante falar que, no planejamento das ações do MST, estas são organizadas

⁵ Sugerimos a leitura de Silva (2005), que descreve a época e os “tipos” de formação, ou as táticas adotadas pelo MST em cada período, até o ano de 2005, visando alcançar os seus objetivos, superando as dificuldades e se afirmando como novo “sujeito” propulsor de formação - na “esquerda” política brasileira.

por setores responsáveis por cada uma das ações do coletivo. Vale ressaltar que a criação desse setor se deu em um momento de expansão do MST em várias regiões do país, o que lhe apontou novas necessidades e desafios organizativos.

O MST, desde que surgiu como movimento social, mobiliza famílias de trabalhadoras e trabalhadores camponeses na luta pela Reforma Agrária, organizando e coordenando acampamentos e assentamentos rurais, constituindo desta forma sua base. Como se sabe, esse público tem especificidades e carências muito particulares em relação ao acesso aos conhecimentos escolares e mesmo em relação ao domínio de direitos sociais, políticos, civis e humanos.

Para este Movimento, há duas classificações de base nas suas áreas: uma que é em situação de “acampadas”, ou seja, são aquelas pessoas que, no processo de luta pela conquista da terra, moram nos acampamentos que são constituídos por espaços de habitação ainda precárias, mas na expectativa de que seja um espaço provisório e de espera da conquista da terra; e a outra, “assentadas” são aquelas famílias que já conquistaram a terra e estão em busca de infraestrutura no assentamento, com condições para produzir e comercializar seus produtos. Portanto, os acampamentos são a fase inicial da luta pela terra e os assentamentos a fase posterior, ou seja, após a conquista da terra e de condições de vida e trabalho. Pois não basta apenas ter a terra, a partir desta conquista tornam-se necessárias empreender outras lutas como forma de permanência na terra, com trabalho, educação e condições dignas no campo. Em cada uma das situações do acesso à terra há condições diferentes, seja com relação a temporalidade, seja com relação ao modo de estar na terra, e, para isso, tornam-se necessárias bases que possam subsidiar esses dois momentos.

Com isso, depreende-se que essas classificações devem ser compreendidas pela necessidade objetiva, pela dinâmica das demandas e dentro de um processo articulado e gradual. E que, ao se projetar no âmbito nacional, o MST precisou reinventar formas e táticas de lutas para garantir a coesão de suas propostas, bem como seu caráter organizativo de movimento sócio territorial, no nível nacional.

E, concordando com Mauro Iasi (1999), o MST vê nas articulações desenvolvidas na coletividade, o potencial de alterar as estruturas historicamente estabelecidas na sociedade, objetivando mudá-las a partir da luta concreta dos trabalhadores e trabalhadoras. Iasi (1999) faz ainda referência a este processo de mudanças pelo despertar da consciência dos trabalhadores e trabalhadoras despojados de seus direitos, citando esse romance:

Aqui está o nó, ó tu que odeias mudanças e temes revoluções. Mantém estes homens apartados; fazes com que eles se odeiem, receiem-se, desconfiem um do outro. Porque aí começa aquilo que mais temes. Aí está o germe. Porque aí transforma-se o “Eu perdi minhas terras”, uma célula se rompe e dessa célula rompida brota aquilo que tu tanto odeias, o “Nós perdemos nossa terra”. E desse “nós” nasce algo mais perigoso. “Eu tenho um pouco de comida” e “Eu não tenho comida nenhuma”. Quando a solução deste problema é “Nós temos um pouco de comida”, aí a coisa toma um rumo, aí o movimento já tem um objetivo. Apenas uma pequena multiplicação, e esse trator, essas terras são nossas [...] Sim, é aí que tu deve lançar a tua bomba. É este o começo... do “Eu” para o “Nós” (IASI, 1999, p. 05).

Vê-se, expresso nesse romance, como “surge” uma força social, sendo revelador de como o processo social daí derivado constitui-se a partir do ajuntamento de pessoas que tem demandas semelhantes e, portanto, traçam os mesmos objetivos. Coube ao MST se preparar pedagógica e metodologicamente para essa coletivização da luta pela terra no Brasil, e esse “aprender a fazer, fazendo” tem como fundamento principal a conscientização dos participantes desse/nesse Movimento.

Assim, a formação política ideológica é uma marca do MST; é formar para a ação e em ação, sendo que essa ação é transformadora da realidade. Essa ação nasce junto com a luta pela terra, nos acampamentos e assentamentos, e se torna vital para as famílias. No primeiro momento, essa formação nos acampamentos, surge para atender e suprir as necessidades organizativas imediatas de como coordenar os coletivos e produzir fortalecendo as ações cooperadas, para a preparação para negociar com políticos/governo, para entender as condições imediatas da correlação de forças, bem como a forma de luta adequada ao momento, etc. Este primeiro momento permite refletir e elevar a consciência acerca da questão agrária e política, nacional e internacional. Essa ação política é conduzida através da participação, na recriação da vida cotidiana, na cooperação em seus diferentes sentidos e no resgate dos valores humanos (MST, 2009).

Assim, a formação se torna imprescindível para o MST, pois tem a perspectiva de elevar o nível de consciência (BOGO, 2007) da sua base social organizada. Por isso, essa é entendida como um processo que pressupõe uma relação direta entre a prática e a teoria, visando uma ação transformadora, buscando formar homens e mulheres novos, sujeitos de sua própria história e construtores de uma nova sociedade, sendo praticada em todos os espaços desse Movimento e divulgada em todos os materiais elaborados pelo mesmo. Em seus documentos são revelados que:

O MST compreende o processo de formação, em uma primeira instância, enquanto vinculado à prática, isto é, conhecer é participar como ator da construção da luta pela terra, pela reforma agrária e pela transformação social (SANTOS, 2007, p. 71).

Considerando que a concepção de formação do MST sempre esteve vinculada à sua estratégia geral, ou seja, mobilizando forças e recursos a partir da luta pela terra e pela Reforma Agrária, objetivando a transformação do atual modelo de sociedade, busca contribuir com/para que sua base, seus militantes e seus dirigentes, adquiram os conhecimentos necessários para caminhar rumo à sua estratégia geral.

Nessa perspectiva, os processos de formação do MST compreendem e tratam de forma diferente as “etapas” da consciência, que não está em cada indivíduo de forma nivelada (BOGO, 2011), porque também os objetivos que o MST almeja são diferentes, embora, não haja uma separação acentuada entre um objetivo e outro. Vendo por esse ângulo, a formação está vinculada aos objetivos do MST⁶, mas é diferenciada de acordo com os níveis de conhecimento de sua base social, respeitando seus estágios, sem pular etapas. Estando de acordo com as tarefas assumidas nessa estrutura - o que legitima e credencia os sujeitos a participarem de outros espaços e momentos de formação locais, regionais, nacionais e internacionais.

Para isso, os processos formativos consideram o conceito de consciência que Mauro Iasi (1999) descreve:

[...] a consciência seria o processo de representação mental (subjéitiva) de uma realidade concreta e externa (objéitiva), formada neste momento, através de seu vínculo de inserção imediata (percepção). Dito de outra maneira, uma realidade externa que se interioriza (IASI, 1999, p. 10).

E para esse autor, cada pessoa tem suas particularidades que precisam ser compreendidas e respeitadas nesse processo de formação da consciência:

Este processo é ao mesmo tempo múltiplo e único. Cada indivíduo vive sua própria superação particular, transita de certas concepções de mundo até outras, vive subjétivamente a trama de relações que compõe a base material de sua concepção de mundo (IASI, 1999, p. 09).

Assim, analisando as práticas formativas do MST, percebe-se que o seu objetivo de fazer a luta pela transformação social é um desafio muito mais amplo, mais complexo e exige muito mais

⁶ Lutar pela terra, pela Reforma Agrária e pela construção de uma sociedade mais justa, sem explorados nem exploradores (CALDART, 2004).

aprofundamento e elaboração do que fazer a luta especificamente pela terra ou pela Reforma Agrária. Nesse sentido, constatado o estágio da formação do Sem Terra pela sua posição nos processos de luta e de formação anteriores (ou a formação da vida), a formação proporcionada pelo MST precisa possibilitar a elevação progressiva do nível da consciência, ou seja, precisa promover a formação dessas pessoas envolvidas (base, militantes e dirigentes) respeitando o grau de conhecimento que esses sujeitos já alcançaram, para que compreendam a necessidade de avançar na busca de outros conhecimentos, considerando que uma coisa é fazer a formação de base, outra coisa é fazer a formação de militantes e dirigentes, e assim ocupar lugares diferentes no percurso da luta desse Movimento.

Como nos afirma Iasi (1999), a consciência é um processo, e como tal, não pode ser imaginada como algo estático:

Neste sentido procuraremos entender o fenômeno da consciência como um movimento e não como algo dado. Sabemos que só é possível conhecer algo se o inserirmos na história de sua formação, ou seja, no processo pelo qual ela se tornou o que é; assim é também com a consciência, ela não “é”, “se torna”. Amadurece por fases distintas que superam-se, através de formas que se rompem, gerando novas que já indicam elementos de seus futuros impasses e superações. Longe de qualquer linearidade, a consciência se movimenta trazendo consigo elementos de fases superadas, retomando aparentemente, as formas que abandonou (IASI, 1999, p. 09).

183

Ademar Bogo (2008) nos chama a atenção para a “movimentação” dos processos da consciência. Para este autor militante, sendo a consciência um movimento, pode seguir “acumulando conhecimentos ou retroceder ignorando-os” (BOGO, 2008, p.92). Esse autor, exemplifica esse movimento em três direções, conforme as situações apresentadas: de progressão da consciência; estagnação da consciência e regressão da consciência (BOGO, 2008).

Ao descrever os procedimentos de como essa movimentação acontece, Bogo (2008) afirma que, no caso de progressão da consciência:

Nesse momento, o movimento [dos processos de formação da consciência] está voltado para frente. Conflita consigo próprio; busca sempre novos elementos para fundamentar o seu crescimento nas diferentes formas, como: política, econômica, histórica, jurídica, pedagógica, etc. (BOGO, 2003, p. 03).

E continua:

No momento de estagnação da consciência, não significa que ela não esteja em movimento, apenas deixa de acumular conhecimentos complementares. Passa longos períodos sem acrescentar nada de significativo naquilo que já

sabia. Essa situação é prejudicial para a luta de classes, pois o indivíduo de consciência estagnada, pela sua posição de classe, ou por falta de elementos, passa a justificar aquilo que antes negava. Como o movimento das contradições na realidade seguem em frente, a tendência é este indivíduo se desatualizar e, para se manter no posto que está, ou alcançar outro, utiliza-se de vários artifícios [...] (BOGO, 2003, p. 03).

E, para este autor, o processo de regressão da consciência é um estágio que os indivíduos passam quase a “desaprender”:

Já há acúmulo de determinados conhecimentos, mas retrocede-se como se a consciência não tivesse avançado até aquele nível. O indivíduo passa a ter outro comportamento, reações estranhas e atitudes às vezes inexplicáveis. O comportamento individual pode variar entre a ingenuidade, onde as pessoas tomam atitudes não críticas, se deixando manipular como se nunca tivessem participado de determinados espaços de politização. Uma segunda possibilidade na regressão da consciência é cair na criminalidade, como método e meio para atingir os fins [...]. Neste sentido, a regressão da consciência adota um caminho diferente e contrário ao que prega a organização. Para que isto seja possível, inverte-se a compreensão e aplicação dos métodos e dos princípios (BOGO, 2008, p. 03).

Essa abordagem descrita por Bogo justifica, por si só, a necessidade constante dos processos de formação nos tempos e espaços de lutas, mobilizações e estudos dos sujeitos pertencentes aos movimentos sociais, como no caso do MST.

Quanto aos “estágios da consciência” (BOGO, 2007), a formação da base do MST, em um primeiro momento, é projetada na perspectiva de conscientização e clareza de como se deve lutar gradual e constantemente para alcançar seus objetivos, bem como para enfrentar os desafios apontados para cada objetivo em particular.

Dessa forma, o terceiro e maior objetivo desse Movimento, qual seja a transformação social, não é um recurso tático e estratégico para a conscientização dessa base – simplesmente porque ela (a base) não se move, no primeiro momento, pela transformação social ou o socialismo. As famílias que entram para o MST, que vão acampar, vão à busca do primeiro objetivo do MST: lutar por um pedaço de terra. Então, a formação precisa responder este primeiro anseio. Precisa contribuir para que as limitações desse primeiro objetivo fiquem claras para os sujeitos que estão lutando, fazendo sempre a conexão dessa conquista imediata com a necessidade da implementação da Reforma Agrária, já que somente um pedaço de terra é insuficiente para a garantia da sobrevivência no campo e por mudanças profundas na sociedade.

O avanço para “estágios posteriores” da formação da consciência dos Sem Terras, longe de ser uma continuidade mecânica e automática, pode ser comparada a um espiral, que tem um começo localizado ao centro e, à medida que vai avançando em circunferências maiores (estudando, participando de lutas e espaços de formação, da vida orgânica do MST, etc.), vai ampliando sua dimensão e alcançando outros círculos, seguindo em direção ao objetivo estratégico. Portanto, a formação, em um primeiro momento tem a função de responder à demanda dessas famílias que entram para o MST, permeados por aspectos de agitação e propaganda da luta pela terra, para a partir daí, avançar na direção de outros objetivos, nos momentos oportunizados e apropriados para tal fim.

Nesse primeiro estágio no MST, a formação está vinculada e tem características mais orgânicas e imediatas, sendo associada, desenvolvida e caracterizada muito mais pela forma como é feita e menos pelo conteúdo utilizado. Enquanto a formação inicial da base exige mais atenção à forma (como preparar uma reunião, como organizar um núcleo de base, como organizar os acampamentos e assentamentos, como organizar as lutas, como promover a divisão das tarefas, etc.); paralelamente, a formação de militantes e dirigentes exige mais apropriação, sistematização, compreensão teórica dos conteúdos sistematizados, entre outros pontos.

Essa formação dos militantes e dirigentes requer mais atenção e rigor para a importância da organização das equipes e coletivos nos acampamentos e assentamentos, porque essa forma (ou estrutura) organizativa (BOGO, 2011) forma a consciência das pessoas e, aqui, a formação não se encerra somente na forma, mas também pelo conteúdo que essa forma carrega. Concordando com Bogo, compreendemos que:

A formação da consciência está ligada às questões organizativas, dos núcleos, setores e instâncias do movimento, quanto mais elevada a consciência mais consistência orgânica teremos internamente. A formação e desenvolvimento da consciência, portanto, está ligada ao meio e as relações que se estabelecem entre as pessoas, em vista de algo a ser alcançado ou construído, individual ou coletivamente (BOGO, 2007 – sem página).

Assim, é importante ressaltar que, ao afirmar que a formação da base inicialmente se dá mais pela forma e menos pelo conteúdo, não significa diminuir a importância do conteúdo nesse nível de formação; muito antes pelo contrário, é importante assinalar os aspectos metodológicos que esses conteúdos embasaram para completar a conscientização dos sujeitos, objetivo da formação inicial. Da mesma maneira que não é possível abrir mão do caráter formativo da forma organizativa – que sempre é formativa -, no segundo estágio da formação

(formação dos militantes e dirigentes). A diferença, no entanto, é que, como esses militantes e dirigentes já assimilaram metodologicamente a condução dos espaços orgânicos, bem como o caráter formativo dessa forma organizativa, o desafio agora é se debruçar sobre os conhecimentos socialmente acumulados, marchando para outra fase da formação da consciência.

E nesse sentido, o MST compreende como fundamental para a formação do ser humano a necessidade de conhecer outras realidades, de sair da imediatividade, pois “ficando somente” ali, as circunstâncias se apresentam insuficientes para alargar a visão de mundo que a luta dos camponeses e das camponesas exige. E, para isso, o MST proporciona aos seus sujeitos situações para que aconteça esse afastamento do seu cotidiano aprisionador, com formas e objetivos que variam desde manter uma regularidade nos estudos (formais e informais, da escola de educação básica à educação superior), ou colocar esses sujeitos em contato com vários conhecimentos científicos culturais, ou até mesmo viajar para fora do país (algo normalmente incomum aos trabalhadores Sem-Terra). Geralmente o agricultor não costuma sair do lugar onde mora, pois vive ali na sua propriedade e dali tira o sustento, empregando suas forças e seu tempo nas suas atividades produtivas - e aqui está o desafio maior do MST.

E sobre isso, Marx e Engels (2001) afirmam que o ambiente estreito e limitado das relações sociais não possibilita que os processos de consciência avancem na direção de sua ampliação:

A consciência, portanto, de início, um produto social é e o será enquanto existirem homens. Assim, a consciência é, antes de mais nada, apenas a consciência do meio sensível mais próximo e de uma interdependência limitada com outras pessoas e outras coisas situadas fora do indivíduo que toma consciência; é ao mesmo tempo a consciência da natureza que se ergue primeiro em face dos homens como uma força fundamentalmente estranha, onipotente e inatacável, em relação à qual os homens se comportam de um modo puramente animal e que se impõe a eles tanto quanto aos rebanhos; é, por conseguinte, uma consciência da natureza puramente animal (religião da natureza) (MARX & ENGELS, 2001, p. 25).

Para o MST, ao participarem de atividades e de espaços que não lhes são corriqueiros, espera-se que os sujeitos apreendam e, em seguida, façam a diferença na sua prática cotidiana, compreendendo a necessidade de imprimir mudanças na busca pela transformação, para que se formem seres humanos esclarecidos do seu papel social.

O uso de táticas e metodologias para formação da consciência

Mesmo com os desafios postos para o MST, no âmbito da formação, este Movimento se diferencia de outras organizações sociais populares por estabelecer mecanismos para aquisição de conhecimentos vinculados às situações em que esses precisam ser “aplicados”, porque para o MST, se as pessoas que compõem essa organização não participarem do processo, também não farão a transformação necessária que objetiva o Movimento.

Essa transformação só acontece mediante um necessário desenvolvimento dos níveis de consciência ou o desenvolvimento da consciência mesma, em níveis diferentes. E para que isso aconteça, é preciso usar táticas diferenciadas para o envolvimento desses sujeitos e utilizar diferentes mecanismos apropriados ao público alvo, tais como a divisão de tarefas acompanhadas da descentralização de poder, que leva ao (re)conhecimento dessas pessoas nas suas comunidades, à participação sistemática em estudos, mobilizações, reuniões, encontros, etc., um mecanismo de formação pela experimentação no seu dia a dia.

Outra tática pode ser descrita pela prática de colocar essas pessoas (em processos de formação da consciência) sempre em contato com os conhecimentos sistematizados, para que deles se apropriem. E, no MST, esse contato se dá em grande medida pela contribuição e presença de pessoas que já adquiriram maior nível de conhecimentos (sobretudo, a partir dos cursos e estudos organizados pela Escola Nacional Florestan Fernandes); pela socialização de livros, documentos orgânicos próprios do MST, relatórios de reuniões, etc. E essa tática dialoga com o que Iasi (1999) atribui como outra forma de aquisição do processo de consciência:

Outras informações chegam ao indivíduo, não pela vivência imediata, chegam já sistematizadas na forma de pensamento elaborado, na forma de conhecimento, que busca compreender ou justificar a natureza das relações determinantes em cada época (IASI, 1999, p. 11).

Assim, além das atividades político-organizativas e produtivas que são demandadas e ressignificadas pelos processos de formação do MST, no dia a dia dos seus assentamentos também é muito intensiva a criação de cursos de formação política e técnica como elemento complementar essencial para garantir a solidez da formação da consciência desse Movimento.

Essa ação não se restringe à educação de caráter escolar; há também mudanças no cotidiano e no comportamento desses sujeitos. O trabalho na terra, assim como as formas da vida social e cultural do assentamento, necessariamente precisa ser compreendido como uma

extensão dos diferentes laços e relações humanas da comunidade, explicitando o amor e zelo à terra, da mesma forma que amor à vida e cuidado para com os demais sujeitos desse lugar.

E, por isso, essas comunidades constroem sentidos, significados e valores a partir da prática cotidiana que são muito importantes para a humanização da vida, valorizando a cultura, as distintas relações de trabalho, o lazer, a religiosidade, as relações sociais comunitárias, a educação, etc. Não apenas agem para ganhar dinheiro com a terra, mas também atuam ressignificando várias questões da vida, em várias dimensões, sempre com o interesse na humanização da sociedade.

Retomando e reafirmando os valores socialistas, Ademar Bogo (2011) nos afirma que:

Os movimentos sociais e as lutas de massas resgataram nas últimas décadas o que a humanidade produziu de mais sensível nos métodos de fazer a história, que é o reconhecimento do valor do companheirismo. Quando a competição toma conta das fileiras de uma organização, é sinal que o seu tempo de vida está se encerrando: divide-se em partes; esfaçalha-se como um trapo velho que somente serve para ficar nos cantos da história (BOGO, 2011, p. 204).

Essas dimensões subjetiva, pedagógica e política estão presentes na filosofia do MST quando este orienta para o estabelecimento e fortalecimento de relações de amor com a natureza e com os demais, como mecanismo de humanização da sociedade, na sua prática educativa-formativa. É no processo contraditório do cotidiano que essa prática emerge, ou seja, cotidianamente há muitos conflitos com o próprio capital que interfere dentro dos assentamentos, em maior ou menor medida, conforme o estágio do seu desenvolvimento local, mercantilizando o trabalho e os produtos deste, bem como as formas de vida das pessoas.

Dessa forma, tanto os processos produtivos, como outras questões da vida, podem corroborar para reproduzir a lógica do capital dentro dos assentamentos. Mas isso não significa que não existam construções alternativas sendo gestadas no seio desse sistema, como por exemplo, a adoção da Agroecologia - que é uma forma alternativa de produção e organização da vida no campo, uma estratégia de resistência, uma ação contra hegemônica à lógica do Agronegócio (GAIA, 2008).

Na esteira das dimensões em constantes disputas e que colocam a formação da consciência em xeque, podemos recordar da questão da propriedade privada, que é muito complexa dentro dos assentamentos: apesar da luta pela repartição e desconcentração da

propriedade privada, não se conseguiu superar a lógica da propriedade (individual), ou seja, ela ainda é reproduzida em pequena escala com a divisão e titulação dos lotes por famílias.

E isso não quer dizer que são os camponeses que optaram por esse modelo, mas sim que é uma lógica que perpassa a nossa vida como um todo no sistema de produção capitalista e que ainda não fora superada. Como afirmou Marx: “Os homens fazem a sua própria história, mas não a fazem como querem; não a fazem sob circunstâncias de sua escolha e sim sob aquelas que se defrontam diretamente, legadas e transmitidas pelo passado” (MARX, 1951, p. 04).

Em se tratando dos assentamentos, alguns apresentam avanços importantes em vários sentidos da vida social, rumo a um processo mais articulado e mais coletivo, que não somente aquele na forma individualizada, onde impera a lógica da propriedade privada, em concordância com a afirmação de Iasi (1999):

A ação coletiva coloca as relações vividas num novo patamar. Vislumbra-se a possibilidade de não apenas revoltar-se contra as relações pré-determinadas, mas de alterá-las. Questiona-se o caráter natural destas relações e, portanto, de sua inevitabilidade. A ação dirige-se, então, à mobilização dos esforços do grupo no sentido da reivindicação, da exigência para que mude-se a manifestação da injustiça (IASI, 1999, p. 23).

189

Portanto, compete aos processos de formação revelar essa realidade e instrumentalizar os trabalhadores e trabalhadoras, proporcionando-lhes mais conhecimentos para entender a realidade e o funcionamento da sociedade nesse sistema de produção. No entanto, ressalta-se que não depende somente da formação por si só para dar conta de alterar essa realidade, na totalidade. Mas também é na própria prática dos trabalhadores e trabalhadoras, a partir do momento que tomam consciência da situação, que buscam alterar questões do cotidiano e ampliando essas mudanças para o seu entorno.

Desafios permanentes para a formação do MST

Para o MST e sua base social, essa formação constante, gradual e progressiva requer muitos esforços. O desafio do MST, portanto, é envolver os camponeses nos processos de formação, dentro de um planejamento de médio e longo prazos, dadas as condições materiais da produção que demandam a presença desses sujeitos nos lotes de moradia e produção, para garantir a sustentação. E assim, permanece o desafio para a organização do MST de adequar

sua formação às condições objetivas dos Sem Terras, visando dar esse salto para adquirir conhecimentos mais elaborados e “desgrudar” das questões ligadas do imediato cotidiano do lote, ousando projetar e criar novas possibilidades de resistência e autonomia.

Outro elemento a ser acrescentado aos desafios da formação da consciência está diretamente relacionado ao fato de o MST lidar com famílias que são excluídas historicamente do acesso a muitos direitos (apesar de necessárias ao capital para a produção de mercadorias), daí sua preocupação em formar novos valores humanos, trabalhando a partir de novos elementos como a mística, a relação entre homem e mulher, as distintas orientações sexuais, da relação com as crianças (para que sua educação seja assumida pela coletividade), etc. Então, nessa busca por novos valores humanos, aprende-se que é diferente de “cada um por si” (como, normalmente, acontece nessa sociedade), e valoriza-se o potencial da união, coletividade, solidariedade, etc.

Nos acampamentos, torna-se imperativo a coletivização das ações como forma e estratégia de permanência, pois, ou se coletiviza as relações ou terá ainda mais dificuldades para se manter na terra devido à dificuldade de realização das tarefas elementares do cotidiano desses acampamentos. Cria-se, assim, o valor e a conscientização de se optar pela luta coletiva como condição para obter conquistas na luta por direitos. E, chega-se à compreensão que, somente coletivamente se alcançarão outros objetivos, como a Reforma Agrária e a transformação social.

Outro desafio é a questão política cultural da base do MST. Para o MST, se não se consegue atingir o mínimo de desenvolvimento cultural dos sujeitos em formação, para daí avançar para a formação da consciência, essa última não é possível. Assim, sem “ter” a necessidade de se apropriar dos códigos culturais da sua classe, esses sujeitos continuam à mercê do que é oferecido pelos meios que reproduzem a cultura dominante. E, nesse caso, haverá um choque de concepções entre os (novos) valores culturais apregoados pelo MST e a bagagem cultural trazida por esses sujeitos (ou traços do conservadorismo).

E, nesse diálogo, é necessário evidenciar sempre e questionar o que ou de quem a arte ou expressão cultural está à serviço - se faz a crítica ao modelo atual de sociedade ou visa reproduzir esse mesmo modelo -, já que muitas vezes essas concepções se opõem frontalmente e, sendo bruscamente confrontadas, não dialogam com a formação da consciência dos Sem Terra, ainda em desenvolvimento. Nas palavras de Iasi (1999), esse desafio permanece colocando em xeque o caráter das mudanças que esse sujeito está objetivando:

Na verdade, a vida cobra da pessoa uma postura para qual não foram internalizadas estruturas prévias para a sua realização. Pelo contrário, toda a bagagem psíquica, cultural e moral está estruturada para agir contra a postura exigida pela nova consciência, que tenta impor-se. O indivíduo está apto a aceitar a realidade, assumindo sua impotência diante de relações estabelecidas e pré-determinadas. Por isso o indivíduo que torna-se consciente é, antes de tudo, um novo indivíduo em conflito (IASI, 1999, p. 29).

Para o MST, além de satisfazer esteticamente aos indivíduos, a arte e a cultura precisam fazer a crítica ao modelo de sociedade atual. E essa característica cultural presente nos processos de formação dos Sem Terras também é trabalhada a partir da identidade dos sujeitos “que, obviamente, se encontram marcadas pela ideologia dos grupos dominantes da sociedade global de que fazem parte” (FREIRE, 1981. P. 27). Tanto os conteúdos, como as formas utilizadas nos processos de formação que veiculam tais mensagens do MST, estão relacionados ao fortalecimento do pertencimento a esse “*grupo social*” (BOGO, 2000, p. 22).

Esse recurso de cunho político-ideológico, com caráter pedagógico-metodológico, pode ser constatado a partir da prática do MST na entoação do seu hino, das músicas criadas por seus artistas ou das paródias feitas de músicas popularmente conhecidas, das palavras de ordem incansavelmente repetidas, da reprodução da estrutura organizativa⁷ adaptável ao território, do uso de “seus” bonés e bandeiras, etc. Assim, ao se sentir pertencente a essa organização da sua classe social, os sujeitos em processo de formação compreendem a necessária negação dos elementos culturais de dominação e reprodução da sociedade atual, podendo usar a forma antiga, mas com novo conteúdo, ressignificando-o.

E, se as pessoas se identificam com a causa, normalmente a defendem e conseguem contribuir na perspectiva da proposição, elaboração e inovação – porque assumem o “fazer parte”. Assim, os processos da formação da consciência empreendidos pelo MST são vinculados à sua realidade objetiva, com todos os desafios e possibilidades que essa realidade apresenta. Os sujeitos que compõem a sua base social e, naturalmente, participam desses processos também são levados a cumprir e a conduzir os planejamentos e tarefas do Movimento.

Ao considerar que a formação de fato acontece a partir da experientiação dessas pessoas, somadas à responsabilidade das tarefas que assumem e aos desafios que lhes são apresentados, percebemos que o MST acerta nos seus métodos de organização das pessoas, de

⁷ Sobre isso, ver: OLIVEIRA, A. A. Formação e trabalho no Movimento Sem Terra (MST): processos de resistência do campesinato /Dissertação de Mestrado. FAE/UFMG / Belo Horizonte, 2014.

consolidar sua estrutura organizativa envolvendo-as, de promover distintos momentos e processos de formação, de promover vínculos e criar uma nova cultura regada à valores socialistas na perspectiva da transformação social.

E assim, além dos seus princípios basilares, entre eles a formação da consciência, como pilares de sustentação dessa organização do MST, são apontadas outras como: a unidade em torno dos objetivos coletivos e comuns; a pertença à organização visando a participação ampliada dos sujeitos; e a disciplina consciente (esta no sentido de cumprir com os combinados estabelecidos coletivamente, sendo as responsabilidades individualizadas). Sendo a formação a corrente que amarra estes pilares.

Considerações Finais

A formação é uma ferramenta e bandeira imprescindível do MST, que perpassa todos os seus espaços e atividades e o condicionou à criação de estruturas organizativas formais (regular e determinada) que possibilita unidade e dinâmica às suas ações. Por isso mesmo é uma demanda permanente, crescente e dinâmica.

Os processos de formação propostos e direcionados para atender as demandas concretas e imediatas dos Sem Terras são o mecanismo mais apropriado para o envolvimento dessas pessoas em todo o processo que permeia as relações do campo, e que precisa acompanhar a trajetória das mesmas, com todas as contradições que são inerentes à essas vivências.

É muito válida a permanente preocupação com a formação da consciência das pessoas moradoras dos assentamentos, visando a participação qualificada das mesmas. Podemos atribuir à formação dessas pessoas as mudanças nas estruturas produtivas, que sendo conduzidas na forma coletiva e cooperada (consequência de algum processo de formação) pode possibilitar melhores condições de vida e estabelecer relações novas, baseadas em valores humanos.

Essas pessoas estão construindo as possibilidades de mudanças profundas na sociedade, visando a transformação social. Na atividade revolucionária, a transformação de si mesmo coincide com a transformação das condições (MARX, 1845/1846 apud LOWI, 1988, p. 24). E, a participação democrática efetiva nos processos implementados pelo MST, nos parece pedagogicamente muito apropriado para determinado fim.

O MST busca implementar a transformação do homem e da mulher, sabendo que esses vão sofrendo os efeitos de sua própria transformação, tendo a “educação como prática da liberdade” (FREIRE, 1983, p. 51). É exatamente em suas relações dialéticas com a realidade que discutem a educação como um processo de constante libertação do homem. Educação que, por isso mesmo, não aceitará nem o homem isolado do mundo – criando este em sua consciência -, nem tampouco o mundo sem o homem – incapaz de transformá-lo (FREIRE, 1983, p. 51). Assim, os processos de formação propostos e direcionados para atender as demandas concretas e imediatas dos Sem Terras, são o mecanismo mais apropriado para o envolvimento dessas pessoas em todo o processo que permeia as relações do campo, e que precisa acompanhar a trajetória das mesmas, com todas as contradições que são inerentes à essas vivências.

As práticas educativas escolares e não escolares, ficam cada vez mais associadas às mudanças necessárias quando essas são incorporadas pelas pessoas na luta política. Da mesma forma, o valor atribuído ao trabalho produtivo, sobretudo, à coletivização e cooperação dessas práticas, precisa ser compreendido no contexto da luta por modelos de sociedade, a partir do papel que cada espaço de vivências deve cumprir nesse campo de batalhas.

A busca pela transformação da prática cotidiana, na construção do novo homem e da mulher nova, passa pela luta por um modelo de sociedade que precisa investir e se dedicar ao uso de metodologias novas de trabalho popular, sempre valorizando a educação como instrumento de mudanças, contribuindo com a apreensão dos conteúdos socialmente úteis à classe trabalhadora, bem como incentivando a coletivização das relações das pessoas.

O MST para viabilizar sua proposta de formação, junto aos Sem Terra, superando os desafios ali postos, seria de grande utilidade a aquisição e massificação do uso de tecnologias junto aos sujeitos dos assentamentos. Apesar de insuficientes para dar conta da demanda da formação, que é ampla, permanente e integral, essas tecnologias se fazem necessárias direta e indiretamente, tanto para os processos produtivos (por liberar tempo e poupar energias), quanto para a comunicação e informação (visando possibilitar outros canais e acessos de informações, para além da grande mídia, superando o déficit cultural da nossa época).

Ainda é imprescindível que a aquisição de conhecimentos esteja no centro da meta desse Movimento, como mecanismo de continuar elevando o nível de formação dos sujeitos Sem Terra. Nesse sentido, o estudo escolar e não escolar continua sendo uma estratégia da classe trabalhadora, porque apresenta as mudanças que são necessárias para a sociedade, além de ser a extensão de um direito básico.

Uma educação que se fundamente na unidade entre a prática e a teoria, entre o trabalho manual e o trabalho intelectual e que, por isso, incentive os educandos a pensar certo (FREIRE, 1989, p. 48). E é basicamente isso que a sociedade, subjugada pelos interesses do capitalismo, requer como instrumento de libertação. Em se tratando de camponeses e camponesas, a história já mostrou que cabe aos homens e mulheres comprometidos com a transformação social, realizar tais mudanças.

Às demais agremiações de esquerda fica o exemplo do MST que, com todas as dificuldades e contradições explicitadas nas suas ações, não se desviou do objetivo de formar a consciência dos sujeitos que organiza. Oxalá sirva de inspiração para os demais partidos, movimentos populares, sindicatos, etc.

Referências

BOGO, A. O MST e a Cultura. **Cad. De Formação**, n° 34. 2 ed. Edição TERRA, 2001. 93p.

_____. **Os desafios políticos atuais e a formação de quadros**. Curso Realidade Brasileira, março de 2005.

_____. **A Consciência e a Disciplina**. Fevereiro de 2008.

CALDART, R. S. O MST e a formação dos sem terra: o movimento social como princípio educativo. **Estudos Avançados** [online]. 2001, vol.15, n.43, pp. 207-224. ISSN 0103-4014 – Acessado em 20/07/2013.

_____. **Pedagogia do Movimento Sem Terra**. 3. ed. São Paulo: Expressão Popular. 2004.

FREIRE, P. **Extensão ou Comunicação?** Tradução de Rosisca Darcy de Oliveira. Prefácio de Jacques Chonchol. 7 ed. Rio de Janeiro. Ed. Paz e Terra. 1983, 93 p.

GAIA, M. C.M. **Agroecologia: a resistência do camponês e da camponesa Sem Terra**. Rio Pomba. Monografia [Especialização em Agroecologia e Desenvolvimento Sustentável] – Centro Federal de Educação Tecnológica de Rio Pomba 2008.

IASI, M. L. **Processo de consciência**. São Paulo: CPV, 1999.

LÖWI, M. **Ideologias e Ciência Social: elementos para uma análise marxista**. São Paulo. Cortez, 1988.

MARX, K. & ENGELS, F. **Manifesto do Partido Comunista**. São Paulo. Expressão Popular, 2008. 70 p.

MARX, K. **O Capital: crítica da economia política**. 3. ed. v. 1. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975. p. 201-224.

MST. Movimento Sem Terra. **Caderno de Formação n° 37**. Escola Nacional Florestan Fernandes. Guararema, SP; 2009. p. 90.

OLIVEIRA, A. A. de. **A formação política do MST e as relações de trabalho em áreas de reforma agrária**. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Educação. FaE/UFMG, 2012.

OLIVEIRA, A. A. de. **Brigada Botocudos: potencialidades e limites**. Monografia (Graduação). Curso de Licenciatura em Educação do Campo, FaE/UFMG. 2010.

SANTOS, E. L. dos. **Juventude, formação política e identificação no MST**. Revista Libertas Online, Juiz de Fora, edição especial, p.68 - 81, fev / 2007.

SAVIANI, Dermeval. **Trabalho e educação: fundamentos ontológicos e históricos**. In: **Revista Brasileira de Educação**. Jan. /abr. 2007, v. 12, n. 34, p. 152-180.

SILVA, R. M. L. da. **A Dialética do Trabalho no MST: a construção da Escola Nacional Florestan Fernandes**. Niterói: 2005. 320 p. Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal Fluminense, 2005.

STEDILE, J. P.; FERNANDES, B. M. **Brava Gente: a trajetória do MST e a luta pela terra no Brasil**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 1999.

Recebido em: 22 de janeiro de 2021.

Aprovado em: 04 de março de 2021.